
FASCISMO E PROTOFASCISMO: REFLEXÕES SOBRE A ESCALADA ATUAL

FASCISM AND PROTOFASCISM: REFLECTIONS ON THE CURRENT RISE

FASCISMO Y PROTOFASCISMO: REFLEXIONES SOBRE LA ESCALADA
ACTUAL

Filipe Albino Ferreira

DOI: 105935/2358-3541.2023e126206-pt

Resumo

O Brasil assiste nos últimos anos à ascensão ao poder de uma ideologia que pode ser considerada uma variante do fascismo clássico: o pós-fascismo. O movimento político que ora catalisou esta expressão ideológica no Brasil, o bolsonarismo, vem promovendo, seja no poder institucional, sejam nas bases das microrrelações sociais, retrocessos civilizatórios que outrora tínhamos conquistado. O ataque antissistema à democracia, o apreço pelo uso da violência como expressão maior de força, a militarização da vida e da escola, a desvalorização e rebaixamento das manifestações intelectuais, artísticas e culturais, o nacionalismo virulento e, por vezes, de conveniência são alguns pilares que sustentam o irracionalismo autoritário e pragmático deste movimento político que ora encontra terreno fértil nos trópicos brasileiros. Através da revisão bibliográfica, analisaremos a dimensão da gravidade que este momento político provoca, o que requer pensar o pós-fascismo e a ultradireita a partir de uma perspectiva transnacional, dado o aparecimento de governos de corte protofascista em diversas nações do mundo, mas dando ênfase ao caso brasileiro. Afinal, o bolsonarismo instantaneamente se transformou em uma força protofascista. Partindo das imbricações entre o fascismo histórico das décadas de 1920-1940 até a atual escalada protofascista, verificamos que a atual investida fascista é real e possui potencial destrutivo que não deve ser subestimado. Também se conclui que não é possível compreender devidamente o fascismo desconsiderando-o como o remédio mais perverso lançado à mão em nome da defesa da sociedade capitalista.

Palavras-chave: pós-fascismo; protofascismo; ultradireita; bolsonarismo; Brasil;

Abstract

In recent years, Brazil has witnessed the rise to power of an ideology that can be considered a variant of classic fascism: post-fascism. The political movement that

catalyzed this ideological expression in Brazil, Bolsonarism, has been promoting, whether in institutional power or in the bases of social micro-relations, civilizational setbacks that had once been conquered. The anti-system attack on democracy, the appreciation for the use of violence as a greater expression of force, the militarization of life and school, the devaluation and debasement of intellectual, artistic and cultural manifestations, virulent nationalism – at times expressed for mere convenience – are some pillars that support the authoritarian and pragmatic irrationalism of this political movement that now finds fertile ground in the Brazilian tropics. Through the bibliographic review, we will analyze the dimension of the gravity that this political moment brings us, which requires thinking about post-fascism and the ultra-right from a transnational perspective, given the emergence of proto-fascist governments in several nations of the world, but emphasizing the Brazilian case. After all, Bolsonarism turned instantly into a proto-fascist force. From the overlaps between the historical fascism of the 1920s-1940s to the current proto-fascist escalation, we verify that the current fascist onslaught is real and has a destructive potential that should not be underestimated. It is also concluded that it is not possible to properly understand fascism by disregarding it as the most perverse remedy launched at hand in the name of defending capitalist society.

Keywords: post-fascism; proto-fascism; ultra-right; Bolsonarism; Brazil;

Resumen

En los últimos años, Brasil ha sido testigo del ascenso al poder de una ideología que puede considerarse una variante del fascismo clásico: el posfascismo. El movimiento político que catalizó esta expresión ideológica en Brasil, el bolsonarismo, viene promoviendo, ya sea en el poder institucional o en las bases de las microrelaciones sociales, reveses civilizatorios que alguna vez habíamos conquistado. El ataque antisistema a la democracia, la valorización del uso de la violencia como expresión mayor de la fuerza, la militarización de la vida y la escuela, la desvalorización y envilecimiento de las manifestaciones intelectuales, artísticas y culturales, el nacionalismo virulento y, en ocasiones, de conveniencia, son algunos pilares que sustentan el irracionalismo autoritario y pragmático de este movimiento político que ahora encuentra terreno fértil en el trópico brasileño. A través de la revisión bibliográfica, analizaremos la dimensión de la gravedad que nos trae este momento político, y que exige pensar el posfascismo y la ultra derecha desde una perspectiva transnacional, ante el surgimiento de gobiernos protofascistas en varias naciones del mundo, sin embargo enfatizando el caso brasileño. Después de todo, el bolsonarismo se convirtió instantáneamente en una fuerza protofascista. Partiendo de los solapamientos entre el fascismo histórico de los años 20-40 y la actual escalada protofascista, comprobamos que la actual embestida fascista es real y

tiene un potencial destructivo que no debe ser subestimado. También se concluye que no es posible comprender correctamente el fascismo despreciándolo como el remedio más perverso lanzado a la mano en nombre de la defensa de la sociedad capitalista.

Palabras Clave: posfascismo; profascismo; ultra derecha; bolsonarismo; Brasil.

INTRODUÇÃO

No momento em que este trabalho é escrito, uma das grandes preocupações dentro das ciências sociais brasileiras é a tentativa de compreensão das motivações para o surgimento do movimento de ultradireita (bolsonarismo) que alçou ao poder o governo do profascista Jair Bolsonaro na presidência da república (2019-2022). Tal radicalismo de direita não pode ser estudado de forma alheia ao contexto mundial de ascensão de movimentos com ideários semelhantes.

A vitória de Jair Messias Bolsonaro na eleição presidencial de 2018 no Brasil traz consigo o influxo de uma visão de mundo antes adormecida no debate público nacional – relegada ao ostracismo desde o fim da ditadura empresarial-militar de 1964 –, à espera do despertar para sua consequente mobilização e ativação. Tendo como esteios eleitorais o “discurso antissistema, o antipartidarismo, o antipetismo e o apoio de grupos evangélicos e militares” (SOLANO, 2019, p.4, tradução nossa), a escalada autoritária e reacionária que se verifica desde o início do governo Bolsonaro espelha uma tendência mundial de ascensão de ideologias antes hegemônicas em países apenas durante as décadas de 1920 a 1940 na Europa, como Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, que podemos situar como fascismo clássico.

A história política do Brasil destaca-se por um histórico cambaleante no que se refere à durabilidade e estabilidade de períodos democráticos (CARVALHO, 2012), tornando-se assim ainda mais vulnerável à sanha autoritária do que em outros países com maior tradição democrática. Vale ressaltar, porém, que mesmo em países com forte tradição democrática liberal forças fascistas vêm assolando instituições democráticas que conhecemos, conforme Levitsky e Ziblatt (2018). Dessa forma, “Democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de

líderes eleitos — presidentes ou primeiros-ministros — que subvertem o próprio processo que os levou ao poder” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p.15).

Em nossa revisão bibliográfica, articularemos diferentes conceitos para analisar o fenômeno proposto, principalmente os de fascismo clássico (as manifestações nazi/fascistas da Alemanha e Itália nas décadas de 1920 à 1940), pós-fascismo (as tentativas de resgate do ideário fascista clássico após a dissolução dos regimes nazista e fascista, alemão e italiano, respectivamente, podendo ser verificado em partidos, movimentos ou mesmo governos eleitos ou não) e profascismo. Julgamos mais adequado o termo profascismo, pois, apesar de objetivarem uma organização social fascista, trata-se de personalidades ou governos embrionariamente “fascistas”, e mesmo que não cheguem a desaguar historicamente em regimes genuinamente fascistas, ainda assim há a gradação suficiente para tal classificação. Como referência para essa decisão, baseamo-nos em Michael Löwy (2021), importante sociólogo marxista brasileiro que vem se dedicando à análise da recente escalada pós-fascista pelo mundo. Justificamos o uso do termo pós-fascista, pois as variantes do fascismo clássico existentes na atualidade jamais conseguirão reproduzir as especificidades daquela ideologia, constituindo-se como uma tentativa de sua recomposição, porém situadas em novas configurações nacionais e sociais.

A segunda seção deste trabalho, “Fascismo clássico e profascismo: mesmo princípio ativo”, busca clarear as aproximações e distanciamentos do fascismo clássico (principalmente Alemanha nazista e Itália fascista dos anos 1920-1940) com o atual movimento global de seu “reaparecimento” em países que possuíam democracias liberais estáveis, como os Estados Unidos. Já a terceira parte intenciona traçar algumas contribuições teórico-metodológicas para a compreensão das raízes deste fenômeno polissêmico. Optamos pela adoção do termo ultradireita, e não extrema-direita, pelo caráter semântico da palavra: muitos partidos e políticos liberais de direita não aceitam nenhuma corresponsabilidade com a ultradireita. Ao nosso ver, ao usar o termo “extrema-direita”, este suposto descolamento se torna mais crível do que o termo “ultradireita”, ou seja, uma direita levada às últimas

consequências¹. Na quarta seção, buscaremos demonstrar alguns fatos que corroboram a tese de que o governo de Jair Bolsonaro foi um governo profascista, procurando responder as seguintes questões: quais são os riscos reais à democracia brasileira que estes movimentos representam? Quais as possíveis explicações para a ascensão de Bolsonaro na esteira da ultradireita mundial? A quinta seção será dedicada às considerações finais.

FASCISMO CLÁSSICO E PÓS-FASCISMO: MESMO PRINCÍPIO ATIVO

Longe de ser um conceito imóvel na história, o fascismo também se constitui como uma expressão em movimento, com contestações e disputas interpretativas. “Nem todo movimento reacionário é fascista. Nem toda repressão – por mais feroz que seja – exercida em nome da conservação de privilégios de classe ou casta é fascista” (KONDER, 2009, p. 25), por outro lado, “o conceito de fascismo não se deixa reduzir, [...] aos conceitos de ditadura ou de autoritarismo”. A palavra *fascismo* tem sua origem etimológica, segundo Paxton (2007), na expressão italiana *fascio*, que quer dizer um feixe ou maço.

Em termos mais remotos, a palavra remetia ao *fasces* latino, um machado cercado por um feixe de varas que era levado diante dos magistrados, nas procissões públicas romanas, para significar a autoridade e a unidade do Estado. Antes de 1914, de modo geral, foi a esquerda que se apropriou do simbolismo do *fasces* romano. Marianne, o símbolo da república francesa, foi muitas vezes retratada, no século XIX, portando o *fasces*, para representar a força da solidariedade republicana contra seus inimigos aristocratas e clericais. *Fasces* figuram com proeminência no Sheldonian Theater da Universidade de Oxford, de auditoria de Christopher Wren, e também no Lincoln Memorial de Washington (1922), bem como na moeda norte americana de um quarto de dólar cunhada em 1932. (PAXTON, 2007, p. 15).

Revolucionários camponeses italianos em 1893-1894 que se rebelaram contra os senhores de terra da Sicília denominavam-se de os *Fasci Siciliani*, evocando a solidariedade e compromisso dos militantes com a causa. Já em fins de 1914, surge o movimento nacionalista de esquerda Fascio Rivoluzionario d’Azione Interventista (A liga revolucionário de ação intervencionista), que pregava a entrada

¹ Exploraremos melhor ao longo do texto a vinculação entre uma direita supostamente moderada e liberal com as condições para o surgimento de movimentos de ultradireita.

da Itália na 1ª guerra mundial ao lado dos Aliados. É nesse momento que Benito Mussolini, um “pária socialista”, entra na organização, (PAXTON, 2007). Após o fim da Primeira Grande Guerra, Mussolini adota o termo *fascismo* para “descrever o estado de ânimo do pequeno bando de ex-soldados nacionalistas e de revolucionários sindicalistas pró-guerra” (PAXTON, 2007, p. 15-16). Contudo, a palavra só teria um uso mais restrito a determinado grupo e pensamento em 1919, quando um movimento estimulado por Mussolini, chamado por ele de “Fasci di Combattimento” (Fraternidades de combate), tomou forma em Milão. O programa fascista culpava os socialistas italianos por não encamparem o nacionalismo, exigia que a Itália reconquistasse territórios por meio da guerra, além de propor uma série de medidas legislativas envolvendo a classe operária e uma nova constituição.

Apesar de ter participado, nos idos de 1910, do Partido Socialista e de ter lido Marx, Mussolini mudou de perspectiva rapidamente. Ao contrário de Marx, ele não acreditava que a luta de classes poderia ter um fim através de uma ação revolucionária do proletariado, a fim de criar o comunismo.

Mussolini encarava a luta de classes como um aspecto permanente da existência humana, uma realidade trágica insuperável: o que se precisava fazer era discipliná-la, e o único agente possível dessa ação disciplinadora teria de ser uma elite de novo tipo, enérgica e disposta a tudo (KONDER, 2009, p. 32).

Houve uma significativa reapropriação de conceitos marxistas por parte do movimento fascista, como luta de classes e ideologia, aproveitando-se da pequena burguesia para uma espécie de “instrumentalização” da teoria marxista a serviço dos interesses ultraconservadores e reacionários do movimento, conforme Konder (2009). É daí que surgem elementos, embora frágeis, para atualmente muitos dos movimentos da ultradireita brasileira rechaçarem o nazi/fascismo como fenômeno situado à direita do espectro político-ideológico, subvertendo o que a totalidade dos historiadores sérios afirmam: que nazismo/fascismo não são de esquerda, conforme Ruzza (2019). Como prova desta contradição, logo no início de seu mandato, em 02/04/2019, o presidente Jair Bolsonaro, ao sair de uma visita ao Museu do Holocausto em Israel disse “não ter dúvidas” de que o nazismo foi um movimento de

“esquerda”, o que gerou profundo repúdio de partidos² e historiadores alemães, (NEHER, 2019). O político estava reafirmando uma declaração dada pelo seu ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo. O próprio site do Museu visitado pelo presidente brasileiro diz que "grupos radicais de *direita* na Alemanha geraram entidades como o Partido Nazista". Dizer que nazismo/fascismo são de esquerda é uma fraude ostensiva. Essa tentativa de revisionismo histórico é marcante no fenômeno bolsonarista, avançando sobre outros temas, como a ditadura empresarial-militar de 1964-1985 no Brasil.

É surpreendente a rapidez com que o rastilho de pólvora fascista é aceso. Entre a criação do “Fasci di Combattimento” em 1919 e a subida ao poder do Partido Fascista na Itália, vão-se apenas três anos. Onze anos mais tarde, outro partido fascista tomou o poder na Alemanha³ (PAXTON, 2007, p. 20), levando a Europa para uma das piores tragédias da humanidade, se não a pior, com ditadores totalitários e legiões de seguidores fanáticos imbuídos em projetos de pureza racial. O importante sociólogo frankfurtiano Theodor Adorno delinea com precisão o impacto da sociedade de classes sobre a psicologia das massas pela propaganda fascista:

Como seria impossível para o fascismo ganhar as massas por meio de argumentos racionais, sua propaganda deve necessariamente ser defletida do pensamento discursivo; deve ser orientada psicologicamente, e tem de mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos. Essa tarefa é facilitada pelo estado de espírito de todos aqueles estratos da população que sofrem frustrações sem sentido e desenvolvem, por isso, uma mentalidade mesquinha e irracional. O segredo da propaganda fascista pode bem ser o fato de que ela simplesmente toma os homens pelo que eles são – os verdadeiros filhos da cultura de massa estandardizada atual, amplamente despojados de autonomia e espontaneidade – em vez de estabelecer metas cuja realização transcenderia o *status quo* psicológico não menos que o social. A propaganda fascista tem apenas de reproduzir a mentalidade existente para seus próprios propósitos – não precisa induzir

² Dentre a quase totalidade dos partidos alemães que repudiaram a fala do presidente brasileiro, estão o Partido Social-Democrata (SPD) – o mais antigo da Alemanha –, os conservadores União Democrata-Cristã (CDU) e União Social-Cristã (CSU), o partido Verde, o Partido Liberal Democrático (FDP), o partido A Esquerda. O partido Alternativa para a Alemanha (AfD), de extrema-direita, disse através de um deputado que "nosso partido se concentra em encontrar soluções para problemas atuais e ameaças à nossa segurança e ao nosso bem-estar. Assim, devemos deixar debates históricos para historiadores e filósofos" (NEHER, 2019).

³ Registramos que não é consenso no meio acadêmico a classificação do regime nazista como também sendo fascista, existindo autores que preferem examiná-lo como um fenômeno *sui generis*. Contudo, para o escopo deste trabalho, entendemos que as mesmas raízes ideológicas presentes nos dois países acabam por fundir-se em uma mesma onda autoritária que serve de modal para o período ora abordado.

uma mudança –, e a repetição compulsiva, que é uma de suas características primárias, estará em acordo com a necessidade dessa reprodução contínua. (ADORNO, 1951, s/p).

Os cientistas políticos liberais Levitsky e Ziblath (2018) apontam em seu livro *Como as democracias morrem* que, nas últimas décadas, um conjunto de países pelo mundo observou a eleição de líderes populistas de ultradireita, não através de golpes de Estado clássicos, mas muitas vezes através de “golpes graduais”, jogando inicialmente dentro das regras do jogo democrático. Contudo, aos poucos a ação política autocrática levaria ao solapamento das instituições democráticas da vida nacional. Essa recessão democrática patrocinada por regimes de ultradireita tem se observado em países como os Estados Unidos (sob a presidência de Donald Trump), Turquia (com o presidente Recep Tayyip Erdoğan, há 19 anos no poder)⁴, Polônia (simbolizada pelo seu presidente ultraconservador Andrzej Duda), Hungria (onde desde 2010 Viktor Orbán é primeiro-ministro)⁵ e Brasil (com Jair Bolsonaro), para citar alguns exemplos. Estes são cenários transnacionais comuns: os discursos e ideologias políticas dos líderes aqui citados apresentam-se com considerável intersecção de ideias, práticas e visões de mundo, reacendendo o debate e o pavor de uma possível volta de uma ameaça mundial do terror nazi/fascista que não víamos desde as décadas de 1920-30.

Fora os países em que o protofascismo chegou ao poder, existem aqueles em que forças de cunho claramente protofascista, racista, xenófobo e anticomunistas ganham cada vez mais espaço e legitimidade de atuação através de partidos e movimentos que, muito embora ainda não tenham conquistado o Estado, já o almejam. São partidos ou movimentos que, ao longo dos últimos anos, apresentam-se competitivos eleitoralmente, chegando inclusive no 2º turno de eleições presidenciais. Citamos partidos como o novo “Rassemblement National” (Reunião Nacional) na França, que, no início de 2021, abandonou seu antigo nome, “Front National” (Frente Nacional), existente desde 1972; também o “Aurora Dourada” na Grécia; e o “Setor Direito” na Ucrânia, conforme (LÖWY, 2015), ou ainda o candidato ultraconservador José Antonio Kast, que, em 2021, chegou ao 2º

⁴ Erdogan já deu declarações contra manifestações populares, como: “essas lésbicas ou o que quer que sejam” não devem ser ouvidas e “LGBT, isso não existe”, (CARTA CAPITAL, 2021).

⁵ Durante o governo Orbán, legislações discriminatórias contra a comunidade LGBTQIA+ foram patrocinadas (DW, 2021; RFI, 2021).

turno na eleição presidencial Chilena, e Rodolfo Hernández⁶, que chegou ao segundo turno da eleição presidencial na Colômbia em 2022.

Os estudos comparativos entre o fascismo histórico e o atual protofascismo confirmam a magnitude do perigo para a sobrevivência da democracia como a conhecemos hoje, ou ainda para aspirações revolucionárias do atual modelo de democracia liberal. Segundo Löwy (2015, p. 653), “é a primeira vez, desde os anos 1930, que a extrema-direita alcança tal influência na política europeia”.

Contudo, é bom ressaltar que, quando falamos de um resgate dos valores clássicos do fascismo, do surgimento de governos ultraconservadores, devidamente zelosos da necessidade de manutenção da sociedade capitalista, estamos falando também de uma atualização de *software*. O fascismo atual não é o mesmo da Itália e da Alemanha, nem teria como sê-lo. Mas isso não significa que seja inadequado utilizarmos essa referência conceitual para exprimir os acontecimentos de nosso atual tempo histórico. “Neofascismo, protofascismo, fascismo tropical, turbofascismo, são alguns dos temas empregados para relacionar o fenômeno societal que atíça o mundo no espectro político que ligou direita e extrema direita” (MARTINEZ, 2020, p. 7).

Críticos dizem que não há fascismo porque não há milícias ou partido próprio, de acordo com o genoma do fascismo europeu. Outros argumentam que não escalariam o país na dimensão conceitual do fascismo. E outros ainda alegam que não há as mesmas condições objetivas da Itália de Mussolini. A questão é que, a bem dizer, o processo é viral, o genoma apresenta mutações, não há um conceito “puro”, neutro e isento a ser seguido, observado, como detentor de fórmula imparcial, universal. Na linha contrária, é preciso ver que o princípio ativo está mais ou menos concentrado ou diluído, modificando-se o ritmo, a intensidade de seus efeitos; porém, como está dito, o “princípio fascista” é ativo (MARTINEZ, 2020, p. 7).

Michel Löwy (2019) chama atenção ao fato de que estes regimes ao redor do mundo não podem ser insuficientemente classificados como *populistas*, mas devem ser considerados em sua relação interna e externa no plano internacional como pós-fascistas: o populismo atinge esquerda e direita, por isso muitos ideólogos neoliberais preferem rapidamente classificar estes regimes de populistas, forçando uma falsa simetria, ou “fusão”, entre extrema-esquerda e extrema-direita, o que é

⁶ Em um programa ao vivo da rádio RCN, Hernández disse textualmente que: “Eu sou admirador de um grande pensador alemão que se chama Adolf Hitler”, (CINZENTO, 2022).

inconcebível quando consideramos que um dos pilares ideológicos desses regimes é uma aproximação com o liberalismo econômico. Tal linha de interpretação apenas preserva os interesses de manutenção do capitalismo como modo de produção e ideologia social.

Em cada país, esta extrema direita tem características próprias: em muitos casos (Europa, Estados Unidos, Índia, Birmânia) “o inimigo” – isto é, o bode expiatório – são os muçulmanos e/ou imigrantes; em alguns países muçulmanos, são as minorias religiosas (cristãos, judeus, yazidis). Em alguns casos, prevalece o nacionalismo xenófobo e o racismo, em outros o fundamentalismo religioso, ou o ódio à esquerda, ao feminismo e aos homossexuais. Apesar dessa diversidade, existem algumas características comuns à maioria, senão a todos: autoritarismo, nacionalismo fundamentalista – “Deutschland über alles” e suas variantes locais: “America First”, “O Brasil acima de tudo” e assim por diante – religiosos ou intolerância étnica (racista), violência policial/militar como única resposta aos problemas sociais e ao crime. A caracterização como fascista ou semifascista pode se aplicar a alguns, mas não a todos. (LÖWY, 2019, s/p).

A antítese da ultradireita frente às pautas de esquerda, não necessariamente revolucionária (valorização dos direitos humanos, dos imigrantes, do feminismo, do movimento LGBTQIA+, dos povos oprimidos e marginalizados, dos estudantes, dos desempregados, de uma rede de proteção social pública – em suma, defesa da classe trabalhadora), impede uma nivelção rasteira desses regimes como simploriamente *populistas autoritários*.

POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES PARA O AUMENTO DA ULTRADIREITA MUNDIAL

E qual é a raiz comum para o (re)florescimento dessa escalada profascista pelo mundo? Certamente, temos continuidades universais que favoreceram esse cenário, como a globalização da cultura, da diversidade dos povos, da libertação sexual e dos fluxos migratórios, que, em alguns cenários, produzem pânico moral nas populações de muitos países (pânico moral capitaneado inicialmente por grupos nacionalistas radicais que se veem ameaçados por culturas diferentes), que recorrem a projetos políticos mais “seguros” e “fortes”. Certamente, este fator migratório pesa mais na Europa, onde as ondas migratórias impactaram e impactam resultados eleitorais (BAUMAN, 2017).

Outro elemento importante para explicar tal fenômeno mundial seriam os efeitos da globalização capitalista, ou globalização da economia, que

inevitavelmente amplia as desigualdades sociais e a concentração de renda, relegando à margem das sociedades contingentes inteiros desprovidos das condições mínimas de sobrevivência. O fascismo é a defesa do capital levada às últimas consequências.

A Longa Depressão, a Grande Depressão e a Crise Financeira de 2008, todas crises sistêmicas do capitalismo, serviram de background para fomentar o retorno da extrema direita, e o mais preocupante, a relativização dos direitos humanos, especialmente, àqueles voltados a proteção dos grupos minoritários. O Estado passa a ser usado como forma de oprimir, ainda mais, os definidos como inimigo comum, sejam eles os pobres, os negros, os refugiados ou os homossexuais. Posto esse cenário, surge, então, uma estranha e feroz classe que se define como a dos cidadãos de bem e que usa o Estado para relativizar e negar direitos fundamentais. (SOARES *et al.*, 2020, p. 193).

O discurso da ultradireita de redirecionar a culpa da crise, tirando o foco do capitalismo e movendo-o para bodes expiatórios artificiais, como a corrupção, supostos “movimentos sociais terroristas” – no caso brasileiro – como o MST (Movimento dos trabalhadores sem Terra) e o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), depravação moral da sociedade trazida pelo feminismo e revolução sexual, também se constitui como um motor relevante, impactando mais o cenário no continente americano (SOARES *et al.*, 2020).

Em 2015, por exemplo, Jair Bolsonaro, disse que as forças armadas deveriam receber mais recursos para combater “marginais do MST” e chamou imigrantes que vinham para o Brasil de “escória do mundo”:

[...] senegaleses, haitianos, iranianos, bolivianos, e tudo que é escória do mundo, né, e agora tá chegando os sírios também aqui. A escória do mundo tá chegando aqui no nosso Brasil como se nós já não tivéssemos problemas demais para resolver. Esse é o grande problema que nós podemos ter. (GAZETA DO POVO, 2018, s/p).

Note-se o corte racial na crítica do então candidato em 2018, relacionando nacionalidade e etnia a uma relativização da dignidade da pessoa humana, selecionando os povos vistos como inferiores como “escória”, postura que remete ao nazismo alemão. A tendência brasileira de adesão a regimes de governo mais hobbesianos, que prometem segurança, paz social, lei e ordem, mesmo que à custa de liberdades fundamentais, se vê presente até a atualidade, conforme Carvalho (2012, p. 219-220):

Ligada à preferência pelo Executivo está a busca por um messias político, por um salvador da pátria. Como a experiência de governo democrático tem sido curta e os problemas sociais têm persistido e mesmo se agravado, cresce também a impaciência popular com o funcionamento geralmente mais lento do mecanismo democrático de decisão.

É indispensável considerar o papel da materialização da direita neoliberal (órfã de um partido ou movimento assumido como tal desde o fim da ditadura empresarial-militar em 1985) como um movimento de massas (a partir do golpe de 2016 contra a presidente Dilma Rousseff). O Movimento Brasil Livre (MBL), criado justamente na esteira do impeachment, para apoiá-lo e defender o liberalismo econômico, colaborou para que as ideias reacionárias e de medo de um comunismo petista inexistente florescesse. Ou seja, o desenvolvimento dessa recente direita autoritária assume diversas direções, mas um elemento essencial a todas é acelerar a retirada de direitos das classes trabalhadoras e estacar as concessões que os governos progressistas vinham fazendo timidamente em nome da conciliação de classes. A ascensão das novas direitas no Brasil surge sob forma de um profascismo financiado pelas elites econômicas do país (burguesia). Com o governo Temer, e de forma mais profunda no governo Bolsonaro, objetiva-se acabar com as concessões do capital para o trabalho. Na Alemanha e Itália do fascismo clássico, convém lembrar, os liberais apoiaram ou rapidamente se adaptaram ao novo regime, não oferecendo resistência em nome da preservação da ordem capitalista (RUZZA, 2019), já que viam em Hitler “um mal menor” que a esquerda ou o comunismo.

“O capitalismo e o fascismo tornaram-se aliados práticos (embora não inevitáveis, e nem sempre confortáveis)” (PAXTON, 2007). O Papa Pio XI chegou a assinar um acordo com Hitler para que “o partido católico se dissolvesse no partido nazista. O objetivo não declarado (porém, não disfarçado), era uma firme união contra o comunismo [...] será que a igreja fez tais alianças porque considerava ser o nazismo de esquerda?” (RUZZA, 2019, p. 102-103). Como o próprio autor neoliberal Milton Friedman disse, “é, portanto, claramente possível haver uma organização econômica fundamentalmente capitalista e uma organização política que não seja livre” (FRIEDMAN, 1962, s/p). Daí alianças entre o neoliberalismo e o profascismo, como já visto na América Latina: no Chile de Augusto Pinochet (1973-1990), por

exemplo, ou na ditadura empresarial-militar de 1964 no Brasil, e agora praticado no governo Bolsonaro. Como orgulhosamente chamada pelo próprio governo, trata-se de uma aliança entre conservadores e liberais.

Em outubro de 2021, ao reafirmar sua permanência no governo Bolsonaro, o ministro da Economia, Paulo Guedes disse: “[n]ós somos uma aliança entre liberais e conservadores contra a esquerda que tava levando o país pro caminho da miséria, o caminho da Argentina, da Venezuela, com o empobrecimento da população” (XAVIER, 2021). Paulo Guedes que, quando confrontado sobre ter trabalhado no Chile durante a ditadura de Pinochet na década de 1980, revela a primazia que os neoliberais conferem à agenda puramente econômica, absorvendo com facilidade qualquer tipo de violação dos direitos humanos e das liberdades democráticas em nome desta agenda. Disse Guedes: “[d]itadura por ditadura, era Figueiredo [João Baptista Figueiredo, ditador no Brasil entre 1979 e 1985] contra Pinochet. Eu não estava nem aí. Hoje eles falam: ‘Ah, trabalhou para o Pinochet’. Eu nunca vi o Pinochet na vida, não sei nem o que ele fez ou o que ia fazer”, complementou Guedes, tentando reforçar que a questão política não lhe importava: “Eu era um animal, eu sou um animal de politização tardia, até hoje eu não sei, politicamente, onde é que eu tô. Eu gosto mesmo é de economia, sou apaixonado por economia” (VELEDA; PANCHER, 2021).

O antipetismo, no caso brasileiro, é mais um fator explicativo da ascensão do governo profascista de Jair Bolsonaro e deve ser observado não somente na instrumentalização do discurso moral(ista) de ética na política e do combate à corrupção nas gestões petistas, mas também pelo ressentimento criado (e operacionalizado pela ultradireita) na classe média brasileira pelos avanços das camadas sociais que historicamente pertenceram ao fundo da pirâmide social: “as classes média e alta brasileira gestaram um sentimento de inconformismo diante das políticas públicas e sociais adotadas e que resultaram na melhoria das condições dos mais pobres” (SOARES *et al.*, 2020, p. 216). Como disse Milton Santos (2001, s/p), “O Brasil jamais teve cidadãos; nós, a classe média, não queremos direitos, nós queremos privilégios, e os pobres não têm direitos; não há, pois, cidadania, neste país, nunca houve”. Dessa forma, as políticas de cidadania, de emancipação da classe trabalhadora, de avanços nos direitos sociais, da luta por uma sociedade

salarial – capitaneadas na maior parte dos governos petistas no âmbito nacional – resultaram no inconformismo da classe média (e naturalmente sob influência da burguesia) em ver grupos historicamente excluídos da sociedade competitiva, como os negros, os LGBTQIA+, os trabalhadores, os famintos, os indígenas, as mulheres, os imigrantes, como grupos “privilegiados”, que receberam benesses do Estado sem “merecer” por isso, colidindo com a ideia da meritocracia neoliberal. Foram programas como “Luz para Todos”, “Minha Casa, Minha Vida”, “Prouni”, cotas sociais e raciais nas universidades públicas, expansão de vagas nas universidades públicas. Os conhecidos discursos de ódio ao programa Bolsa-Família residem nesse contexto. É importante ressaltar que a não radicalização dos governos petistas no sentido de tentar superar os limites do capital pode ter sido uma brecha para a infiltração do discurso profascista. No sentido de defender uma institucionalidade e uma democracia que fracassaram para o povo brasileiro, vítima da inexorável contradição econômica em que está submetido neste modelo societal.

O forte apelo à individualidade, para que cada um seja um “empresário de si mesmo”, em contraposição à solidariedade social defendida pela esquerda, foi um recurso retórico utilizado no caso brasileiro, que também contou com a fragmentação e desmobilização das forças populares que subestimaram a capacidade eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018. É importante frisar que “a análise marxista clássica do fascismo o definiu como uma reação do grande capital, com o apoio da pequena burguesia, diante de uma ameaça revolucionária do movimento operário” (LÖWY, 2019, s/p). Contudo, tal ameaça revolucionária, inexistente no mundo atual, serve agora apenas como um fantasma do passado para os antirrevolucionários.

Entretanto, a despeito de o capitalismo preferir se perpetuar de forma mais legitimadora através da democracia liberal, “o grande capital financeiro mostra pouco entusiasmo pelo ‘nacionalismo’ da extrema direita – mesmo que esteja pronto para se adaptar a ele se necessário” (LÖWY, 2019, s/p), como no caso brasileiro. Jair Bolsonaro não era, *a priori*, o representante nas eleições de 2018 do projeto neoliberal da classe dominante, mas, com sua vitória, rapidamente esta se adaptou e reorientou o seu projeto, formando assim, como já citado, uma aliança entre neoliberais e ultraconservadores. Diz ainda Adorno (1951, s/p) sobre a propaganda

fascista: “[e]sse fenômeno não é completamente novo, mas foi pressagiado pelos movimentos contra-revolucionários ao longo da história”.

Donald Trump, que não está mais no poder após perder as eleições em 2021, foi um importante farol para as táticas eleitorais de seu pupilo brasileiro, fornecendo, inclusive, suporte da propaganda fascista através do estrategista Steve Bannon. Sobre as intersecções entre o tipo de governo trumpista e bolsonarista, Löwy (2019, s/p) aponta:

O que é comum a Trump, Bolsonaro e a extrema direita europeia são três temas de agitação sociocultural reacionária:

Autoritarismo, adesão a um homem forte, um líder, capaz de “restaurar a ordem”.

Uma ideologia repressiva, o culto da violência policial, o apelo à restauração da pena de morte e a distribuição de armas à população para a sua “defesa contra os criminosos”.

Intolerância contra minorias sexuais, especialmente pessoas LGBTI. É um tema agitado, com algum sucesso, por setores religiosos reacionários, sejam católicos (na França) ou neopentecostais (Brasil).

Soma-se a esses pontos o uso criativo e eficaz das redes sociais como disseminadoras de notícias falsas (*fake news*), um catalisador importante para a agenda da ultradireita norte-americana e brasileira.

TOLERÂNCIA ZERO CONTRA O PROTOFASCISMO: O CASO BRASILEIRO

É salutar reiterar algo que já foi dito: o Brasil não vive um governo fascista aos moldes clássicos, por isso, os termos protofascista ou pós-fascista são escolhidos como conceitual de referência mais apropriado para o modelo de Estado implantado pelo governo de Jair Bolsonaro a partir de sua posse em 2019. Há fatos que indicam uma fascistização do Estado e de setores da sociedade, que no seu limite tem como propósito ocasionar um rompimento da constituição de 1988 e da própria democracia, instalando uma espécie de autocracia militarizada.

As comparações com o nazi/fascismo são uma forçada de barra retórica, elas são uma necessidade de sobrevivência mental diante do absurdo e dos horrores que nós estamos vivendo e sobretudo porque nós estamos presenciando um estado que poderia ser chamado de descivilização ou desmodernização. E isso impressiona e coincide com o sentimento dos bons europeus no entreguerras, sobretudo nos anos 30 e depois em pleno vigor do 3º Reich com a sensação de que estavam vivendo um processo de

descivilização e eu diria mais, num processo de desmodernização. (ARANTES, 2021, s/p).

Em pesquisa empírica, Solano (2018), entrevistando eleitores do candidato Jair Bolsonaro no primeiro semestre de 2018, conseguiu mapear com muita clareza as motivações factuais que moviam – e movem – esse eleitorado, parcela significativa da sociedade brasileira que passou a flertar com o fascismo, na maioria das vezes passivamente, sem ter a *autoconsciência*, conforme Theodor Adorno, da armadilha que se coloca. “Para os entrevistados, Bolsonaro representa o tipo do político honesto em contraposição à ‘classe política corrupta’”, (Solano, 2018, p. 1), são pessoas comuns, de todas as classes, mas que não possuem a emancipação formativa necessária para captar o nexos causal deste momento histórico. O discurso *antiestablishment* de ruptura com uma ordem imoral e fisiológica foi utilizado largamente, colocando Bolsonaro, há 27 anos como deputado federal inexpressivo do baixo clero, que baseava suas campanhas em um “sindicalismo militar”, saudosismo da ditadura de 64 e discursos de ódio, como um *outsider* promissor.

Sobre isso, esclarece Carapanã: “[i]sso não quer dizer que as pessoas que se interessam pelos ideais da nova direita sejam necessariamente simpáticas a ideias de segregação ou supremacia racial, nazistas ou fascistas” (2018, p. 35). Isso quer dizer que seria um erro classificar todos os eleitores de Bolsonaro, ou mesmo de Trump ou de Marine Le Pen, como fascistas – obviamente. Compreender a fascistização atual implica necessariamente compreendermos as conjunturas nacionais que viabilizaram tal procedimento. Bolsonaro é eleito a partir da reação contra avanços civilizatórios da sociedade brasileira (reacionarismo):

A penetração das lutas feministas e dos movimentos negros ou LGBTQI, a visibilidade dos imigrantes ou refugiados provocam uma reorganização violenta e moralista de quem pensa seu mundo ameaçado. Este contexto, no qual crises econômicas e políticas se misturam e retroalimentam, possibilita a reorganização de um campo neoconservador, que utiliza a retórica do medo e do inimigo como instrumento mobilizador, retoma os valores da família tradicional: ordem, hierarquia, autoridade, moral (SOLANO, 2018, p. 9).

Os exemplos da escalada pós-fascista cada vez mais se avolumam na sociedade brasileira com a ascensão do bolsonarismo na política nacional. Vejamos alguns casos emblemáticos envolvendo o ex-presidente e seu governo:

- a) bem antes de se eleger presidente, em 1995, Jair Bolsonaro defendeu

estudantes do Colégio Militar de Porto Alegre que haviam escolhido Adolf Hitler como o personagem histórico mais admirado em uma votação. Na época deputado federal, ele disse que a escolha ocorreu pois os estudantes entenderam que o líder nazista “soube impor ordem e disciplina” (CONGRESSO EM FOCO, 2020).

- b) Em 2015, conforme Lago *et al.* (2022), Bolsonaro tirou uma foto ao lado de um sócia de Adolf Hitler após uma audiência pública na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro que discutia o projeto “Escola sem Partido”, cujo objetivo seria o de impedir proselitismo ideológico de professores em salas de aula. “O sócia de Hitler era Marco Antônio Santos, que foi impedido na ocasião de discursar na Câmara justamente por estar fantasiado como o ditador nazista. Em 2016, Santos filiou-se ao PSC, partido no qual também estava à época Bolsonaro” (LAGO *et al.*, 2022).
- c) Ao divulgar a criação do Prêmio Nacional das Artes, em 2020, o secretário especial de cultura do governo federal nomeado por Bolsonaro, Roberto Alvim, gravou e divulgou um vídeo inspirado na estética nazista (cenário e música do vídeo extremamente parecidos com as gravações de Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista de Hitler), conforme Alegretti e Barrucho (2020). No vídeo, o secretário aparece falando trechos idênticos a um discurso composto por Goebbels. Devido a pressões da sociedade organizada o secretário Alvim se retirou do cargo.
- d) Em 20/11/2020, Dia da Consciência Negra, João Alberto Silveira Freitas, um homem negro, foi brutalmente torturado e assassinado no supermercado Carrefour em Porto Alegre (RS) por seguranças do estabelecimento. No mesmo dia, ao ser indagado sobre o episódio e sua relação com o racismo estrutural da sociedade brasileira, o vice-presidente da república, general da reserva Hamilton Mourão, disse: "Não, para mim no Brasil não existe racismo. Isso é uma coisa que querem importar, isso não existe aqui. Eu digo pra você com toda tranquilidade, não tem racismo", conforme Mazui (2020). No mesmo ano, em 2020, em entrevista para uma TV pública alemã, o vice-presidente “afirmou que o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, condenado por tortura durante os 21 anos

da ditadura, ‘era um homem de honra’” e “respeitava os direitos humanos”, (DW, 2020).

- e) Em 2021, fora da agenda oficial, Bolsonaro e seus filhos se reuniram com a deputada alemã Beatrix von Storch; o avô da deputada, Lutz Graf Schwer, foi ministro de Estado de Hitler durante 12 anos. A deputada é do partido de ultradireita Alternativa para a Alemanha (AfD) e disse que gostaria de criar uma “Internacional conservadora” com Bolsonaro para internacionalizar “os valores cristãos e conservadores”. Segundo ela, o Brasil é “uma potência global e um aliado estratégico”. Na Alemanha, a deputada já defendeu que a polícia “atirasse em migrantes sem visto que tentassem atravessar a fronteira da Alemanha – incluindo mulheres e crianças” (SANCHES, 2021).
- f) Em novembro de 2021, no cercadinho do Palácio do Planalto, perante o presidente Bolsonaro, um simpatizante fez a seguinte pergunta: “a gente via que Hitler trabalhava muito com as crianças. Nosso Ministério da Educação já poderia estar fazendo também um trabalho com as crianças para voltar à conscientização?”. Na sequência, o presidente responde: “Você não consegue... Tem ministério que é um transatlântico. Não dá para dar um cavalo de pau. Eu gostaria de imediatamente botar educação moral e cívica, um montão de coisas lá, coisas que são boas. Eu ouvi outro dia, tive o saco de ouvir, uns 10 minutos, duas mulheres... Podiam ser dois homens... mas que não sabiam nada. Elas não sabiam nem o que era Poder Executivo. Coisas absurdas que são comuns” (TV CULTURA, 2021). O fato de Bolsonaro não repelir e repudiar imediatamente o modelo de educação nazista é coerente com seu histórico.
- g) No dia 24/03/2021, o assessor internacional da presidência da república, Filipe Martins, foi acusado de fazer um gesto utilizado por grupos neonazistas e supremacistas brancos ao se deixar gravar no senado federal (UOL, 2021). O gesto é praticado por grupos como “White Power” e “Proud Boys”.

O que Bolsonaro tem em comum com o fascismo clássico é o

autoritarismo, a preferência por formas ditatoriais de governo, o culto do Chefe (“Mito”) Salvador da Pátria, o ódio à esquerda e ao movimento operário. Mas não dispõe de condições de estabelecer uma ditadura, um regime fascista. Seu desejo, abertamente evocado por seus filhos, seria de impor um novo AI-5, dissolvendo o Superior Tribunal Federal [STF] e colocando fora da lei sindicatos e partidos de oposição (LÖWY, 2021, s/p).

Tais exemplos apontados dispensam discorrer aqui de forma mais aprofundada sobre a política do governo Bolsonaro no que tange ao “enfrentamento” da pandemia de COVID-19 a partir de 2020, sobejamente noticiada, ou das outras inúmeras declarações, decisões, nomeações e políticas públicas levadas a cabo numa direção de desdemocratização do país (PUCCI, 2020). A posição de Bolsonaro com relação à pandemia, de que apenas as pessoas em grupos de risco (com comorbidades, idosos, pessoas com deficiência...) iriam sucumbir à doença, e que portanto medidas de restrição econômica visando o isolamento social não se justificariam, a fim de proteger economicamente a maioria da população, torna-se uma posição comparável ao nazismo alemão, em que se hierarquiza quais vidas são preserváveis e quais são dignas de “sacrifício” em nome do bem estar comum da sociedade. O discurso de Hitler contra os judeus seguia a mesma linha. Só os fortes poderão viver, os fracos sucumbirão. Note-se, obviamente, que a premissa do bolsonarismo com relação à doença é falha, visto que pessoas de todas as faixas etárias e condições prévias de saúde foram vitimadas de forma avassaladora. Segundo o estudo “Mortes evitáveis por COVID-19 no Brasil” (WERNECK *et al.*, 2021), o Brasil tem 2,7% da população mundial e concentra quase 13% das mortes pela doença no mundo.

Nesse sentido, a relação umbilical de Bolsonaro com movimentos profascistas, e até mesmo neonazistas, justifica o aumento assustador de crimes de apologia ao nazismo no Brasil após sua chegada ao poder: em 2017, a polícia federal abriu 14 investigações sobre crimes de apologia ao nazismo no Brasil; em 2018, foram 20; em 2019, foram 69; em 2020, passou para 110⁷ (ARAÚJO *et al.*, 2021). Pessoas que antes do bolsonarismo se restringiam aos porões da internet, agora com declarações de ódio vindas do líder máximo da nação, sentem-se seguras e legitimadas para exporem sua real visão de mundo sem

⁷ Dados se referem apenas às investigações abertas pela Polícia Federal, não incluem dados das polícias estaduais.

constrangimentos. Por isso, tolerância zero contra o protofascismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito de não ser uma repetição do fascismo clássico, o desenvolvimento do protofascismo verificado em diferentes contextos nacionais pelo mundo traz consigo sinais de alerta: valores democráticos básicos estão sendo atacados em nome de ideologias que a história julgava já ter superado. O apreço ao uso da violência como expressão maior de força, a militarização da vida e da escola, a desvalorização e rebaixamento das manifestações intelectuais, artísticas e culturais, o nacionalismo virulento, várias formas de preconceito em nome da conservação do modelo de família “tradicional” são alguns dos pilares que sustentam essa ideologia que ora encontra terreno fértil nos trópicos.

Saídas estão à disposição: formação de frentes amplas em torno de partidos e movimentos populares que compreendam o regime liberal capitalista como responsável pelas contradições econômicas que são instrumentalizadas pelo pós-fascismo. Como um muro de contenção para isolar e impedir a continuidade desses governos protofascistas, necessitamos de mobilização social permanente a fim de elevar o nível de consciência de classe das populações, para além de períodos eleitorais. Conforme Levitsky e Ziblat (2018, p. 35), “sempre que extremistas emergem como sérios competidores eleitorais, os partidos predominantes devem forjar uma frente única para derrotá-los”. Sabemos que Bolsonaro não aceitará nenhum resultado eleitoral em 2022 que não seja sua vitória para a reeleição, apostando na negação do resultado eleitoral em caso de derrota para tentar precipitar um autogolpe junto com as forças armadas. Verifica-se, portanto, que o conceito de protofascismo é muito adequado ao governo Bolsonaro, por suas características aqui demonstradas, e que há vínculo intelectual ao fascismo clássico, apesar de buscar manter as aparências de um governo democratizador do país e fiel a princípios opostos ao nazi/fascismo clássicos. Esta é apenas uma tentativa de se manter dentro das regras vigentes da institucionalidade brasileira. Apesar de ser um cenário extremamente desfavorável para forças golpistas, a vigilância deve ser

permanente. Como diz a música *Tempo perdido*, “Não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acesas” (TEMPO PERDIDO, 1986).

O combate à desinformação nas guerras sujas da internet se revela uma tarefa prioritária no enfrentamento do protofascismo brasileiro e mundial. Ora, o Brasil nunca esteve sequer próximo de ter um governo comunista (como a ultradireita propaga), e obviamente nunca teve essa experiência, embora já tenha tido ditaduras de direita implantadas sob a pretensão de impedir a ascensão comunista. Não vivemos ainda um governo fascista no Brasil, mas não devemos subestimar a capacidade estratégica daquelas forças econômicas e políticas que hegemonicamente dominaram o Estado brasileiro desde seu surgimento. Defender uma ofensiva antifascista requer travar uma luta contra as motivações fascistas.

Como disse Max Horkheimer (1939), “[q]uem não quer falar de capitalismo deveria calar-se também sobre o fascismo”⁸. Compreender as raízes do Brasil é perceber a fragilidade, ao longo da história, de uma concepção democrática de existência diante da ofensiva reacionária, autoritária e empresarial (RIBEIRO, 2015; CARVALHO, 2012). Defender a democracia social como um valor contra o fascismo inexoravelmente traz a responsabilidade de situarmos este conceito para além da democracia liberal. “Somos a favor da democracia, contra o fascismo”: mas de que democracia se está falando? A mesma democracia liberal, germe eterno do fascismo? O fascismo, mais do que nunca, é a ponta mais extrema da defesa do capital, não podendo ser enfrentado sem antes se enfrentar sua causa original: a contradição existencial do capitalismo, em qualquer país do mundo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda**. Tradução de Gustavo Pedroso. 1951. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/25/adorno-a-psicanalise-da-adesao-ao-fascismo/#_ftn12; Acesso em: 9 abr. 2022.

ALEGRETTI, Laís; BARRUCHO, Luís. 'Na Alemanha ele estaria preso': Vídeo de Alvim inspirado em Goebbels configura apologia ao nazismo, diz presidente da OAB.

⁸ Para um olhar mais atento sobre as relações da burguesia com a escalada protofascista brasileira, ver: CASIMIRO (2020).

BBC News Brasil. 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51149263>; Acesso em: 30 mai. 2022.

ARANTES, Paulo Eduardo. Entre os escombros do presente [Conferência online no canal Teoria Crítica e Educação]. **Youtube**, 30 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=36DpRuaV2YQ&t=5422s>. A partir dos 58:00 minutos; Acesso em: 09/04/2022.

ARAÚJO, Beatriz; BRITO, José; NETO, Vital. Casos de apologia ao nazismo aumentam 900% em dez anos, de acordo a PF. **CNN Brasil**, 25 out. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/casos-de-apologia-aonazismo-aumentam-900-em-dez-anos-de-acordo-a-pf/>; Acesso em: 1 jun. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. São Paulo: Schwarcz; Companhia das Letras, 2017.

CARTA CAPITAL. Comunidade LGBT sofre 'tsunami de ódio' na Turquia. **Carta Capital**, 23 fev. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/comunidade-lgbt-sofre-tsunami-de-odio-na-turquia/>; Acesso em: 30 mai. 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 15. ed. Rio de Janeiro. Editora civilização brasileira. 2012.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. Expressão Popular, 2020.

CINZENTO, Victor. Quem é Rodolfo Hernández, candidato da direita na Colômbia que surpreendeu na reta final e vai ao 2º turno nas eleições à presidência. **G1**, 30 mai. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/05/30/quem-e-rodolfo-hernandez-candidato-de-extrema-direita-que-surpreendeu-na-reta-final-e-foi-ao-2o-turno-nas-eleicoes-a-presidencia-na-colombia.ghtml>; Acesso em: 1 jun. 2022.

CONGRESSO EM FOCO. Bolsonaro já defendeu estudantes que admiravam Hitler. **Congresso em Foco**, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-ja-defendeu-estudantes-que-admiravam-hitler-confira/>; Acesso em: 30 mai. 2022.

DW. "Ustra respeitava os direitos humanos". **DW**, 8 out. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ustra-respeitava-os-direitos-humanos/video-55209554>. Acesso em; 30 mai. 2022.

DW. Controversa lei húngara anti-LGBTQ entra em vigor. **DW**, 8 jul. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/controversa-lei-h%C3%BAngara-anti-lgbtq-entra-em-vigor/a-58208180>; Acesso em: 30 mai. 2022.

ENCONTRO com Milton Santos. O mundo global visto pelo lado de cá. Direção: Silvio Tedler. Produção: Ana Rosa Tendler. Elenco: Milton Santos, Boris Diop,

Carlos Pronzato, Ailton Krenak e outros. Roteiro: Cláudio Bojunga e outros. Rio de Janeiro: Caliban, 2001. (89 min).

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. Barueri: Editora LTC, 1962. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5114393/mod_resource/content/1/FRIEDMAN.pdf; Acesso em: 10/04/2022.

GAZETA DO POVO. Bem antes de Trump, Bolsonaro chamou haitianos e outros imigrantes de “escória do mundo”. **Gazeta do Povo**, 15 jan. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/bem-antes-de-trump-bolsonaro-chamou-haitianos-e-outros-imigrantes-de-escoria-do-mundo-bvhv8jc0gsf15ueai7od4uy0l/>; Acesso em: 30 mai. 2022.

HORKHEIMER, Max. “Die Juden und Europa”. **Zeitschrift für Sozialforschung**, n. 8, p. 115, 1939.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão popular, 2009.

LAGO, Rudolfo; SARDINHA, Edson; LIPPELT, Vanessa. Onze vezes em que o bolsonarismo flertou com o nazismo. **Congresso em Foco**, 13 fev. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/onze-vezes-em-que-o-bolsonarismo-flertou-com-o-nazismo/>; Acesso em: 30 mai. 2022.

LÖWY, Michael. **A extrema direita**: um fenômeno global. 2019. Disponível em: <https://internationalviewpoint.org/spip.php?article5890>; Acesso em: 9 abr. 2022.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, n. 124, p. 652-664, 2015.

LÖWY, Michael. Löwy: o avanço do fascismo no mundo e no Brasil. **Outras Palavras**, 12 fev. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/lowy-o-avanco-do-fascismo-no-mundo-e-no-brasil/>; Acesso em: 09 abr. 2022.

MARTINEZ, V. C. Fascismo: o pior crime contra a democracia. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 1-13, 2020.

MAZUI, Guilherme. 'No Brasil, não existe racismo', diz Mourão sobre assassinato de homem negro em supermercado. **G1**, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml>; Acesso em: 30 mai. 2022.

NEHER, Clarissa. Partidos alemães condenam fala de Bolsonaro sobre nazismo. **DW**, 5 abr. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/partidos-alem%C3%A3es-condenam-absurdo-de-bolsonaro-sobre-nazismo/a-48221777>; Acesso em: 30 mai. 2022.

PAXTON, Robert Owen. **Anatomia do fascismo**. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2007.

PUCCI, Bruno. A personalidade autoritária no Brasil em tempos de neoliberalismo e de coronavírus. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. e4538132, 2020.

RFI. Orban reúne direita conservadora na Hungria em nome da "família" e contra o "lobby LGBT". **RFI**, 23 set. 2021. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/mundo/20210923-orban-re%C3%BAne-direita-conservadora-na-hungria-em-nome-da-fam%C3%ADlia-e-contra-o-lobby-lgbt>; Acesso em: 30 mai. 2022.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

RUZZA, Antonio. Os nazistas eram de esquerda?. **Revista Lumen**, v. 4, n. 7, 2019.

SANCHES, Mariana. Neta de ministro de Hitler, deputada alemã sugere 'internacional conservadora' com Bolsonaro. **BBC News Brasil**, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58325310>; Acesso em: 30 mai. 2022.

SOARES, Alessandra Guimarães; SIMÕES, Catharina Libório Ribeiro; ROMERO, Thiago Giovani. Crises econômicas, ascensão da extrema direita e a relativização dos direitos humanos. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 28, p. 193-223, 2020.

SOLANO, Esther Gallego. "La Bolsonaroización de Brasil", **Documentos de Trabajo IELAT**, n. 121, abr. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6914400.pdf> Acesso em: 09/04/2022.

SOLANO, Esther Gallego. Crise da democracia e extremismos de direita. **Análise**, v. 42, n. 1, p. 1-27, 2018.

TEMPO perdido. Intérprete: Legião Urbana. Compositor: Renato Russo. In: DOIS. Rio de Janeiro: EMI Brasil, 1986.

TV CULTURA. Apoiador de Bolsonaro cita Hitler como exemplo de educação infantil e presidente não refuta. **TV Cultura**, 23 nov. 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/44277_apoiador-de-bolsonaro-cita-hitler-como-exemplo-de-educacao-infantil-e-presidente-nao-refuta.html; Acesso em: 30 mai. 2022.

UOL. Museu do Holocausto critica assessor de Bolsonaro e alerta para neonazismo. **UOL**, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/03/25/museu-do-holocausto-critica-assessor-de-bolsonaro-e-alerta-para-neonazismo.html>; Acesso em: 30 mai. 2022.

VELEDA, Raphael; PANCHER, Samuel. Guedes sobre Pinochet: “Ditadura por ditadura, eu não estava nem aí”. **Metrópolis**, 18 nov. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/guedes-sobre-pinochet-ditadura-por-ditadura-eu-nao-estava-nem-ai>; Acesso em: 1 jun. 2022.

WERNECK, Guilherme Loureiro et al. Mortes evitáveis por covid-19 no Brasil. Jun. 2021. **Oxfam Brasil**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/download/12262/>; Acesso em: 30 mai. 2022.

XAVIER, Getulio. Ao lado de Bolsonaro, Guedes justifica permanência: “Somos uma aliança entre liberais e conservadores contra a esquerda”. **Carta Capital**, 24 out. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ao-lado-de-bolsonaro-guedes-justifica-permanencia-somos-uma-alianca-entre-liberais-e-conservadores-contra-a-esquerda/>; Acesso em: 1 jun. 2022.

* Artigo recebido em 28/07/2022,
aprovado em 26/07/2023.